

Ritmo do crescimento é dúvida

Economistas e cientista político divergem sobre o comportamento da economia em 2004 e apontam prováveis gargalos

SÔNIA ARARIPE E NICE DE PAULA

Se é fácil, até mesmo para um leigo, ver que a economia brasileira ficou praticamente estacionada em 2003, não há como esperar consenso quando se trata de fazer previsão para o ano que vem. Será o tão esperado espetáculo do crescimento ou um vôo de galinha?

Quatro economistas e um cientista político foram ouvidos pelo **Jornal do Brasil** no *Balanço Mensal* – Eliana Cardoso, professora visitante da Universidade de São Paulo (USP); o cientista político Fabiano Santos, diretor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj); Fernando Velloso, professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec Business School); Jennifer Hermann, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e Renato Fragelli, professor da Escola de Pós-Graduação da Fundação Getúlio Vargas (EPGE/FGV). Alguns, mais otimistas, esperam um 2004 promissor, de crescimento

acentuado.

– Tudo indica que este é o cenário esperado. Os dois únicos riscos maiores são de piora no quadro do terrorismo internacional e que a reforma tributária se transforme em um monstro – afirma Eliana Cardoso, prevendo um avanço consistente em torno de 3,5% do Produto Interno Bruto.

Fernando Velloso – de uma família que tem economia no DNA, é filho de Antônio Velloso e sobrinho de João Paulo dos Reis Velloso e Raul Velloso – espera um número parecido, podendo chegar a 4%. Autor de um estudo

sobre a produtividade brasileira, Velloso prevê que para atrair investimentos e evitar o vôo de galinha será preciso preparar o ambiente de negócios.

– O mais importante este ano foi o trabalho para o ano que vem.

Renato Fragelli, da EPGE/FGV, também está otimista. Aposta na sustentabilidade da retomada, mas tem dúvidas de como este processo vai ocorrer.

– O ponto é: crescimento cíclico ou permanente? – indaga.

Cenário mais pessimista foi traça-

do pela professora da UFRJ Jennifer Hermann. Ela teme a dependência excessiva do mercado externo e sugere que o mercado doméstico deveria ser privilegiado.

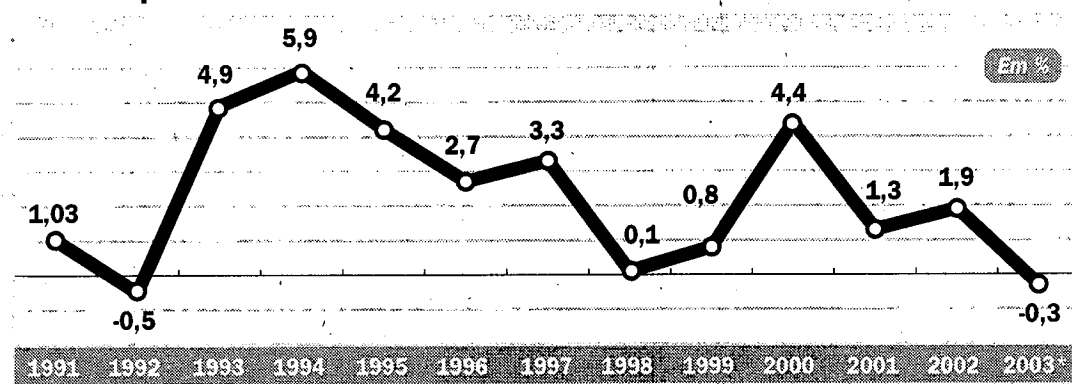
– O problema de depender apenas do mercado externo é que não é possível controlá-lo por políticas econômicas domésticas.

Apesar de se sentir inicialmente um pouco como peixe fora d'água, o cientista político Fabiano Santos, do Iuperj, foi peça-chave nesse xadrez político-econômico, argumentando, por exemplo, que as divergências internas do governo são intencionais.

– Lula sabe a importância de ter atrelado ao governo as diversas tendências. Isso historicamente daria uma tonalidade mais à esquerda.

Santos também acendeu polêmicas e alimentou divergências ao elogiar “o poder negociação de Lula com o Congresso” na condução das reformas tributária e da Previdência.

O desempenho da economia



*Até o terceiro trimestre

Fonte: IBGE

araripe@jb.com.br e
nic@jb.com.br